Antonio de Nazareth

Maria Annunciada Chaves
Professora e historiadora. Membro da Academia Paraense de Letras

Na primeira década do século XX, nasceu na pequena vila de S. João do Pinheiro, hoje Icoaraci, a 18 quilômetros de Belém, ANTÔNIO NAZARETH FRAZÃO TAVERNARD, em cujo prenome foi assinalada a circunstância, muito importante para os paraenses, de ter vindo ao mundo na época do Círio, a grande romaria com que, anualmente, no segundo domingo de outubro, o Pará manifesta sua profunda devoção a Nossa Senhora de Nazaré.

Foi em 1908, no décimo dia do mês nazareno, que, num chalé de estilo português, ainda hoje em perfeito estado de conservação, situado na rua Siqueira Mendes, nº 585, veio ao mundo aquele que seria um dos maiores, senão o maior poeta paraense.

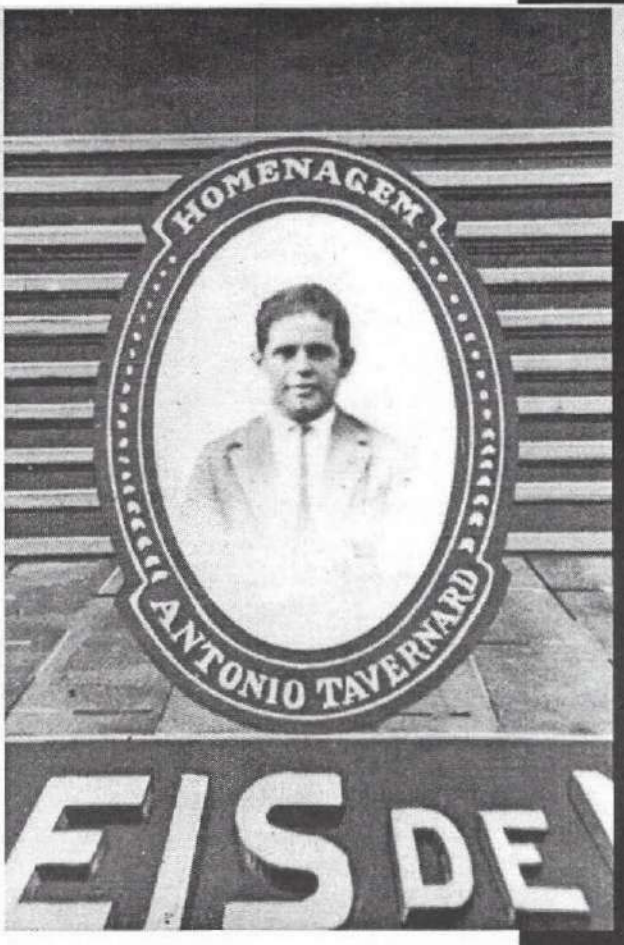
Com a frente voltada para o rio, do qual é separada apenas pela citada artéria, oferece a velha casa a quem se debruça em suas janelas, uma paisagem serena e repousante, às vezes, porém, quando o céu escurece e a chuva desaba, tormentosa e agitada. As águas, geralmente tranquilas, encrespam-se, sacudidas pelas rajadas de vento, e o rio ruge como se fosse mar.

Esse quadro natural da infância impressionou a tal ponto o Poeta que lhe inspirou a bela poesia **Similitudes**, que assim começa:

"Nasci em frente ao mar
Meu primeiro vagido
Misturou-se ao fragor
do seu bramido"

Fachada principal da casa em que nasceu ANTONIO TAVERNARD, localizada à Rua Siqueira Mendes, 585, em Icoaraci, antiga Vila do Pinheiro, distrito de Belém

Frazão Tavernard*



versos que hoje podem ser lidos por quem passa em frente à casa que lhe serviu de berço, na placa ali afixada pelo Conselho Estadual de Cultura, em 10.6.86, graças a compreensão e gentileza dos atuais proprietários do imóvel, João e Antônia Alves da Nóbrega.

Em 1908, residia neste chalé o casal Othilio de Alencar Tavernard e Marietta Frazão Tavernard, ele piauiense, ela paraense, de tradicional família.

Jornalista, homem de letras, autor de peças de teatro, entre as quais pastorinhas, espécie de auto natalino popular, muito usado na época, vivia Othilio Tavernard modestamente, de seus proventos como funcionário da Santa casa de Misericórdia e como redator de "A Província do Pará ", que chegou a gerenciar na administração de Chermont Miranda, seu grande amigo.

Tendo se deslocado para Belém, fixou-se a família Tavernard em espaçosa casa de estilo português, na avenida Conselheiro Furtado, esquina com a Generalíssimo Deodoro, batizada, de acordo com o gosto da época, de "Retiro S. Benedito". Ali cresceram os sete filhos de Othilio e Mariettta, dos quais sobreviveram quatro: Maria, Irene, Semeão, Mário e Ana de Lourdes. Antônio, o Tony para o íntimos, era o mais velho, pois falecera, em tenra idade, a primogênita, Adélia.

A união familiar era perfeita, baseada na autoridade dos pais, temperada por profundo afeto, compreensão e bondade. As tendências literárias de Othilio, cuja peça de cunho religioso Calvário de sangue fizera sucesso, imprimiram em seus descendentes respeito ao saber, em geral, e às letras, em particular. D. Marietta apreciava, também, a literatura. Fora educada no Colégio do Amparo sob a orientação de religiosas italianas de boa formação artística, e era sobrinha de Monsenhor Hermenegildo Perdigão, professor, latinista exímio e orador sacro admirado, que dava a toda a família um toque de intelectualidade.

Na vida pacata e doce de Belém de então, os vizinhos formavam uma espécie de comunidade familiar, que se reunia à porta das casas, 'noite, para a conversa variada e informal. Quando havia luar, as calçadas transformavam-se em verdadeiros salões, onde se cantava, se entoavam serenatas ao som de violões, recitava-se, namorava-se, criticava-se, aplaudia-se, na mais perfeita confraternização.

No "Retiro S. Benedito", além das calçadas fronteira e lateral acolhedoras, havia um amplo quintal, cercado de estacas de acapu, onde se realizavam as memoráveis reuniões festivas

do Natal, do s. João, do Círio e do Carnaval, que tanto empolgavam os Tavernard, seus parentes e amigos e tanto marcaram a vida e a obra de Tony.

Folguedos, brincadeiras, cordões carnavalescos, fogueiras crepitantes, noitadas nazarenas, presépios e pastorinhas não interferiam num aspecto muito sério da vida cotidiana dos habitantes do "Retiro S. Benedito": o saber. estudava-se com seriedade, sob a fiscalização zelosa dos pais. Bem cedo, eram matriculadas os meninos em cursos particulares, geralmente denominados externatos, preferidos, então, pela classe média de Belém.

Antônio iniciou o curso primário no externato Santa Mônica, pertencente à Professora Clarisse Proença, que o dirigia, e o concluiu como aluno particular do Professor João Pereira de Castro, que conduzia os estudantes até o curso secundário.

Aos onze anos, ingressou no Ginásio Paes de Carvalho, cadilho tradicional, onde tantas inteligências se cultivaram e tantas vocações se firmaram. Aqueles que com ele privavam, nesse período delicado da adolescência, como seus colegas ou condíscipulos, no velho estabelecimento de ensino, são unânimes em descrevê-lo: baixo, forte sem ser gordo, feições delicadas, olhar agudo, temperamento jovial, extrovertido, alegre – de uma alegria que lhe inundava o semblante e se exteriorizava em expansões francas e ruidosas. Nada no seu tipo brevelínio e sadio, nem no seu fetio aberto e expansivo poderia prever a tragédia que sobre ele se abateria em plena mocidade, mal completados os dezessete anos.

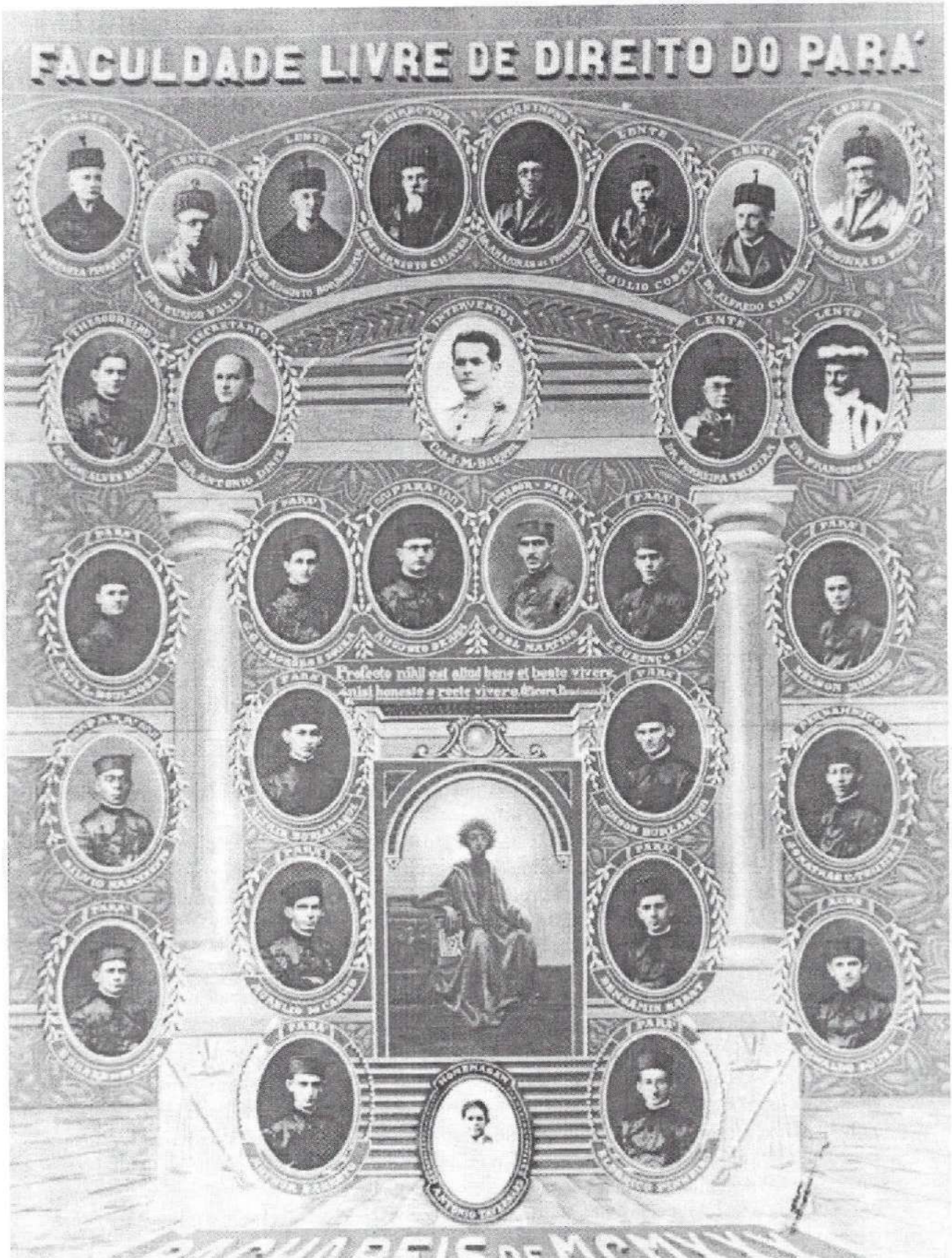
O Dr. Adriano Guimarães, conceituado médico paraense, seu contemporâneo no vestuto Ginásio, salienta-lhe o gosto pelo esporte, sobretudo pela luta livre, que introduziu entre os alunos do "Paes de Carvalho", organizando torneios movimentados, cujo objetivo principal era cultivar o físico dos estudantes e neles desenvolver o espírito de camaradagem, a competição sadia, o tão falado *mens sana in corpore sano*, época em que a ginástica não figurava nos currículos do segundo grau.

Em 26, já conhecido pelas colaborações que publicava no jornalzinho do Ginásio – C.P.C – e em jornais e revistas da cidade, ingressou Tavernard na Faculdade de Direito do Pará, onde teve como companheiros de turma Edgar de Macedo, João Nelson Ribeiro, Abel Martins e Silva, Augusto Serra, Domingos Silvio do Nascimento, Aurélio Ximenes Costa do Carmo, Edison Burlamaqui de Souza Martins, Jonathas Celestino Texeira, Joaquim Gomes de Norões e Souza, Raul Lobato Bulhosa, Lourenço do Valle Paiva e Altaair Burlamaqui de Souza Martins.

Não pôde sequer concluir o primeiro ano, vitimado pela hanseníase, então sem cura e sem esperança. Momento dramático, calvário culminante na vida de um jovem que parecia fadado a brilhante futuro. A angústia inundou o coração e a alma do poeta, mas não o venceu. Sustentado por profunda força interior, misto de fé em deus e confiança nos homens em si mesmo, apoiado pelo carinho da família, particularmente pelo da mãe, seu verdadeiro anjo da aguarda durante os dez anos de enfermidade, estimulado pelo amor às letras e pelo sentimento poético, que iluminava todas as coisas e todos os momentos, mesmos os mais tristes e desalentadores, Antônio Tavernard refugiou-se no seu talento criador, e escreveu, escreveu incansavelmente. Contos, crônicas, romances, peças de teatro e, sobretudo, versos brotavam de sua pena sofredora e heróica, num desafio ao destino cruel.

Cada um dá o que tem!
– diz o adágio, evangelista da sinceridade!
E eu digo também,
pensando nos meus sonhos vãos, dispersos...

Cada um dá o que tem!
Ah! que verdade!...
A vida deu-me a dor, eu dou-lhe versos.
Venho de alguma ess6encia embrionária
para finalidades que não sei
como farrapos na vida, como uma pária
com púrpuras no sonho, como um rei...[1]


FACULDADE LIVRE DE DIREITO DO PARÁ
Profecto nihil est aliud bene et beate vivere
nisi honeste e recte vivere.

Foi nessa dor que a vida lhe deu, no isolamento que a doença impunha, refugiado no modesto chalé de madeira construído ao fundo do terreno onde se achava a residência de sua família que Tony escreveu a mais bela, a mais expressiva, a mais original parte de sua obra, vazada em estilo pessoal e espontâneo, no qual a língua manejada com respeitoso carinho, mas surgem, a cada momento, pinceladas próprias, conquistando-lhe um lugar especial na literatura paraense e dando-lhe uma felicidade sublime.

"Fui imperfeito, sim! A imperfeição é humana.
Porém não fui um mau. e esta tortura
que a minha vida lentamente insana
é paga de um mal que nunca fiz.
Mas sou feliz nesta infelicidade,
pois o pranto que verto agora, triste
pranto de dor e de saudade
de desespero e magno tormento
neste pranto tão claro não existe
uma só gota de arrependimento!...[2]

Foi ali, no "Rancho Fundo", privado de uma vida normal, mas sempre cercado pelo carinho da família e o afeto e admiração dos amigos, que Tony escreveu o seu primeirolivro livro, único publicado durante sua vida. E um conjunto de contos intitulado de **Fêmea**, impresso nas oficinas do Instituto Lauro Sodré, em 1930, no qual, em prosa vigorosa e personalíssima, aborda os mais sérios problemas sociais – a infância abandonada, a fome, a prostituição, a ignorância, a miséria, o drama pungente do proletariado

A maior parte da obra de Tavernard ficou esparsa em revistas e jornais. Foi assíduo colaborador da revista "A Semana", na qual exerceu a função de redator-chefe na administração de Ernestino Souza Filho e em cujas páginas deixou versos belíssimos e crônicas admiráveis, inclusive as nazarenas sob o pseudônimo de Frei Tuck, que tanto sucesso alcançaram.

Escreveu, também, peças teatrais, como a revista **Parati**, encenada no Palace Teatro, encravado no saudoso Grande Hotel, à Praça da República. O elenco era constituído de estudantes de Direito, como também o foi de outra revista **A Casa da Viúva Costa**, escrita de parceria com Fernando castro, na qual figuram versos musicados por Waldemar Henrique, que se tornaram famosos, tais como **Romance, Foi Boto, Sinhá!, Matinta-perera, Tem pena da nega.**

Seringadela, revista levada à cena também no Palace Teatro, por acadêmicos de Medicina, foi muito aplaudida, assim como **Que tarde!**, escrita, ao que parece, pouco depois.

Ainda de parceria com Fernando castro, ainda escrever a comédia **A menina dos 20.000**, com música de Mendo Luna , apresentada no nosso Palace Teatro, em31.

Deixou inédito um dos volumes de contos – **Almas Tropicais** e um romance – **Os Sacrificados.**

Somente dezessete anos após a sua morte, em 1953, veio à luz **Místicos e Bárbaros**, seleta de poesias, editada em 1953, graças à sensibilidade de Hermógenes Barra, nas oficinas gráficas da "Revista Veterinária", de sua propriedade, com apresentação de Georgenor Franco.

Mostra essa coletânea toda a beleza e versatilidade da poesia tavernardiana, desde as lendas e paisagens amazônicas, tão bem sentidas por ele, até o romântico ecoar de suas dores e sofrimentos. Às vezes amarga e consoladora, essa poesia, sempre musical é, muitas vezes contraditória, como o atesta o próprio título. **Místico e Bárbaro** são, realmente, os versos de Tony, ora mais místicos, ora mais bárbaros. Neles se notam traços pré-modernistas, num tecido romântico, parnasiano ou simbolista.

Não se pode deixar de lamentar que tão belo talento tenha sido ceifado aos vinte e sete anos, nem que a última década dessa curta vida tenha sido marcada pela doença implacável, que o privou de contactos e experiências que lhe teriam enriquecido a inspiração.

Embora o sofrimento possa ter-lhe apurado a sensibilidade, o relativo isolamento possa ter contribuído para o rápido desenvolvimento de suas tendências literárias, é impossível abstrair da sua obra esse traço permanente de tristeza, frustração e alienação, que extravassa na mais pura poesia, como, por exemplo, na belíssima Prece de Natal:

"Olha aqui Jesus Menino:
na folha do meu destino,
escreva a palavra "paz!"
Venho de muito longe, de um passado
vivido em turbilhão... Estou cansado...
Não quero sofrer mais!
Não quero-não! Não posso! Minha vida
é como taça de cristal partida
em que beberam deuses e animais.
Fiz mal e bem com indeferença, à toa,
fatalismo que inveja e que perdoa
muito do homem quando è feliz.

Depois, a dor... a dor que transfigura...
E o senhor sabe – história de amargura –
como cumpri o que o destino quis.
Mas, agora, Jesus, Jesus Criança,
é tempo de chegar... A gente cansa,
para sempre, de vez, um certo dia
em que a penumbra da descrença fria
toma conta de nós. Ah! nesse dia,
Jesus querido, meu Jesus Criança,
que morta linda a última esperança!...

Portanto, Jesus Menino,
na folha do meu destino
escreva a palavra "paz
"Para que eu durma, então, serenamente
com um sono de arcanjo adolescente
e não sinta, e não sonhe e não desperte mais.[3]

E o dia de não despertar chegou, enfim,
quando o destino quis:

"Pela agrura infinita dos caminhos
que pegurei por horas dolorosas,
foram tombando, uma a uma as rosas,
forma ficando todos os espinhos[4]

É seu irmão Mário quem me descreve a sua morte, ocorrida inesperadamente, na manhã de 2.5.36. "Estava em casa, no "Retiro S. Benedito", no quarto para ele reservado, no fim da puxada. Aparentemente nenhuma alteração em sua saúde. de repente, ouviu-se um grito lancinante – Mamãe! De pé à porta do quarto, Tony gritava, angustiado, e estendia as mãos em busca de socorro. Caiu nos braços de nossa mãe, que correra a ampará-lo e neles exalou o último suspiro, fulminado por um colapso cardíaco. Imersa em profunda dor, morreu ela seis meses depois do filho sofredor, como se vivesse em função dele, inteiramente dedicada a assisti-lo, a consolá-lo, com extraordinário desvelo , nisso exaurindo todas as suas forças".

Lado a lado, no Cemitério de Santa Izabel, repousam mãe e filho, unidos na morte como na vida.

Essa a extraordinária figura que o Conselho de Cultura do Pará tomou como centro de sua atividade cultural durante o ano de 86, em que decorre o cinqüentenário de sua morte.

Pelas circunstâncias dolorosas que lhe caractererizam a vida, Tavernard ficou quase esquecido em sua própria terra. J. Eustachio de Azevedo incluíu-o em sua **Literatura Paraense,** em 1943, Vicente Sales conquistou, em 1960, o prêmio "Carlos Nascimento", da Academia Paraense de Letras, com um ensaio sobre ele – **O Exilado do rancho Fundo**, Eldonor Lima dedicou-lhe um estudo biotipológico, Georgenor Franco consagrou-lhe várias páginas admiráveis, Bruno de Menezes sobre ele pronunciou brilhante conferência naquela Academia, em 1953. Margarida Maria Paiva do nascimento obteve, em 1981, o primeiro lugar no Concurso Literário "Samuel Mac-Dowell", instituído pelo referido Silogeu, com o ensaio, "**Antônio Tavernard para as novas gerações**"... e pouco mais.

Daí o vivo interesse com que o Conselho Estadual de Cultura acolheu , por unanimidade, a brilhante proposição apresentada pelo Professor Clóvis de Morais Rêgo, na sessão ordinária de 21.1.86, sugerindo comemorações especiais para assinalar o cinqüentenário da morte do poeta, que ocorreria em 2.5.86.

Um dos itens mais importantes do expressivo programa então elaborado é a publicação das obras reunidas do autor de **Místicos e Bárbaros**, tirando, assim, do esquecimento grande parte do seu trabalho intelectual.

Logo designada uma comissão com essa finalidade, constituída pelos Conselheiros Clóvis Moraes Rêgo, Machado Coelho e Abelardo santos, sob a presid6encia do primeiro, constatou ela a enorme quantidade das obras de Tavernard esparsas em revistas e jornais, tornando indispensável, de início, a divisão do trabalho em dois volumes, um de poesia, outro de prosa, sob o título geral de **Obras Reunidas**.

No tomo ora editado, foram reunidas, além das quarenta e três poesias de **Místicos e Bábaros**, cento e trinta e cinco composições poéticas, muitas das quais esparsas em revistas e jornais, principalmente em "A Semana", e outras, inéditas, ofertadas por parentes e amigos ou admiradores do saudoso poeta, tais como Antônio de Nazarerth Pontes Tavernard (sobrinho), Oneide Bastos, Leonam cruz, Elza Maneschi Bernardo, Amélia Pinho Simões e Georgenor Franco Filho.

Cento e setenta e oito poemas, quase todos de alta qualidade, compõem este volume, que colocará, doravante, a produção poética do autor de "**Última Carta**" ao alcance dos contemporâneos, sobretudo das novas gerações, que precisam conhecê-lo e amá-lo, como uma das maiores expressões da literatura amazônica.

Para dar maior autenticidade à publicação, conservou-se a grafia original, o que permitirá não só observar as preferências do Poeta nesse terreno, em diferentes fases, como também acompanhar a história do vernáculo em sua feição gráfica.

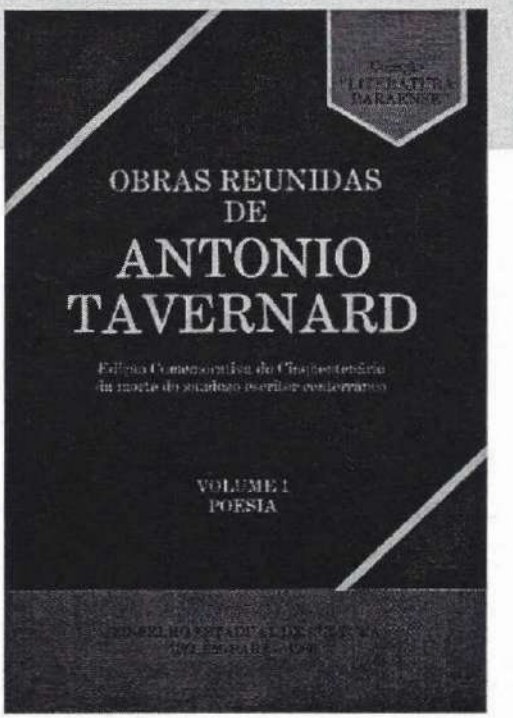
Preservando a obra de Antônio Tavernard – o Tony do rancho Fundo – que cantou a Amazônia – sua paisagem, suas lendas, sua gente, seus costumes – e soube transformar seu sofrimento em páginas de beleza imperecível, o Conselho Estadual de Cultura retira do semi olvido em que jazia o bardo sofredor e, ao mesmo tempo, transforma à posteridade sua mensagem de fé e de esperança:

"A vida deu-me a dor, eu dou-lhes versos..."

Belém, novembro de 1986

Maria Annunciada Chaves
Presidente do Conselho Estadual de Cultura do Pará

* Apresentação do livro **Obras Reunidas de Antônio Tavernard**. Edição comemorativa do Cinqüentenário de morte do escritor. Vol. 1. Poesia, Publicado pelo Conselho Estadual de Cultura. CEJUP, Belém, Pará, 1986.



---

[1] **Místicos e Bárbaros** - p. 13
[2] Consolo, in **Místicos e Bárbaros** - p. 31
[3] Prece de Natal, in **Místicos e Bárbaros** - p. 86
[4] Destino, in **Místico e Bárbaros** - p. 80